

HISTÓRIA DA BABILÔNIA

Período Babilônio Antigo 1894-1595 a.e.c. Período Cassita 1595-1155 a.e.c.
Período Babilônio Médio 1155-627 a.e.c. Período Neo-Babilônio 625-539 a.e.c.

605 - 562 a.e.c.

Período Neo-Babilônio

Sede de Governo: Babel

Antecessor: Sucessor

Nabopolassar 626 - 605 a.e.c. Avil-Marduk 562 - 560 a.e.c.

Filho de Nabopolassar, Nabu-cudurru-usur, universalmente conhecido, sobretudo por mérito de Giuseppe Verde, com o nome de Nabucodonosor II.

O jovem príncipe obedeceu de bom grado à ordem paterna conquistando Carchemich, onde esperou que o exército de Necaú desencadeasse o contra-ataque. Aqui deu-se o encontro entre as duas civilizações mais antigas do mundo em 605 a.e.c. O resultado conhecemos pelas palavras de Jeremias: o exército egípcio desfeito, espicaçado pelo vencedor e em fuga desordenada passou sob os muros de Jerusalém e o grande profeta não disfarça sua satisfação.

“Contra o Egito, contra o exército do faraó Necaú, rei do Egito, que estava junto ao rio Eufrates, em Carchemich, a quem derrotou Nabukhadnezar, rei de Babel, no ano quarto de Joaquim, filho de Josias, rei de Judá.

Mas que acontece? Eu vi-os medrosos, e voltar as costas os seus valentes derrotados; fogem precipitados, nem para trás olham; o terror cerca-os de todas as partes, diz o Senhor: ‘Não fuja o ágil nem espere salvar-se o valente’; para a parte do aquilão, junto ao rio Eufrates, foram vencidos, e caíram por terra... porque esta é a vítima do Senhor Deus dos exércitos na terra do aquilão, junto ao rio Eufrates. (Jeremias, XLVI, 2, 5-10). Em 605 a.e.c., Nabucodonosor, porém, foi obrigado a interromper a perseguição; em Hamath alcança-o a notícia da imprevista morte de seu pai. Confiou assim a missão a seus generais, voltou a Babel, onde assumiu as insígnias reais e logo voltou a tomar posse, como rei, daquela parte do mundo que lhe competia. O seu reinado inicia-se assim sob os auspícios de uma fulgurante vitória. Seguiram-se muitas outras ao longo de todos os quarenta anos de governo. Este período de tempo transformará Nabucodonosor, depois de Sargão, Naram-Sin e Hammurabi, no maior rei da Babilônia.

Mas, já como seu pai, nas inscrições fala só fugazmente, pelo que saberíamos muito pouco dele se não tivesse chegado a nós uma crônica detalhada, mas que se encerra no XI ano, ou seja, 549 a.e.c. Por sorte, para preencher a ampla lacuna concorreram seus dois grandes contemporâneos, Jeremias e Ezequiel.

Para consolidar o próprio império, Nabucodonosor conduziu algumas campanhas com as quais livrou suas terras de qualquer instrução egípcia: “E o rei do Egito, daquele tempo em diante, não tentou mais sair de seu reino, porque o rei da Babilônia tinha levado tudo o que tinha sido do rei do Egito desde o torrente do Egito (Uadi El-Arich) até o rio Eufrates. Restava porém, a questão do Reino de Judá; à sua frente, Joaquim, entronizado por Necaú e, portanto, a ele fiel. Porém, examinada a nova situação, também ele se submeteu espontaneamente ao novo dominador.

Mas na realidade Joaquim, que Jeremias descreve com um tiranete despótico e dissipador, começou logo a fazer “jogo duplo”, conspirando com Neceu, e por duas vezes tentou reconquistar a sua independência. A primeira tentativa foi prontamente frustrada pelas fortalezas babilônicas na Palestina, mas a segunda, em 599 a.e.c., teve um feliz êxito: Nabucodonosor, provavelmente absorvido por outros problemas, não se preocupou muito.

Em 599 a.e.c. Joaquim morreu e sucedeu-lhe o filho, aos dezoito anos, de nome quase igual ao seu, Joahin (ou Jeconias). E no ano seguinte, o exército babilônio avança em redor de Jerusalém. O jovem rei acha melhor render-se.

“E Nabucodonosor levou dali todos os tesouros da casa do Senhor e os tesouros da casa real; e despedaçou todos os vasos de ouro que Salomão, rei de Israel, tinha feito no templo do Senhor, conforme a palavra do Senhor.

E levou para o cativeiro toda a Jerusalém, todos os príncipes e todos os valentes do exército, ao todo dez mil, e todos os artistas e ferreiros; e não ficou nada, à exceção dos pobres, dentre o povo do país. Deportou também para Babel, Joahin e a mãe do rei, e as mulheres do rei, os seus eunucos, e levou cativos para Babel todos os juizes do país. (Reis, 2 XXV, 13-15).

Julho de 587 a.e.c., a destruição de Jerusalém

O exército babilônico acampado diante das muralhas de Jerusalém é colocado sob o comando de Nebuzaradan, chefe da guarda pessoal de Nabucodonosor II. O cerco de Jerusalém dura dezoito meses, de dezembro de 589 a julho de 587 a.e.c. A cidade se sente desanimada porquanto, dez anos antes, já havia sido atacada pelos babilônios. Com efeito, em 599, o rei de Judá, Joaquim, apoiado pelo Egito, revolta-se contra Nabucodonosor, recusando-se a pagar-lhe um tributo. Quando o exército babilônico se dirige para Jerusalém, o faraó se retira e o reino de Judá deve enfrentar sozinho os babilônios. Por cúmulo do azar, Joaquim morre nesse momento e seu sucessor, Joahin, com cerca de 18 anos de idade, se rende em 597 a.e.c.. Sua submissão poupa Jerusalém de uma destruição total. Nabucodonosor envia para a capital mesopotâmica o jovem rei, sua família, os oficiais e os dignitários de sua corte, seus eunucos e todos os especialistas de técnicas raras, como os artesãos em metalurgia. Milhares de pessoas, pertencendo à elite política e social da cidade, são assim deportadas.

Em Jerusalém, Nabucodonosor põe no trono, Sedecias, tio de Joahin. Durante dez anos, Sedecias se comporta como vassalo fiel, cumprindo regularmente suas obrigações. Em 589 a.e.c., contudo, eclode uma rebelião geral da qual participam Tiro e o reino de Judá. Nabucodonosor reage rapidamente e sem rodeios. Estabelecendo seu quartel general em Rivla, no vale do Oronte, coordena uma série de operações militares contra o reino de Judá, destruindo suas principais cidades.

Os combatentes encerrados em Jerusalém são bem inferiores em número ao formidável exército babilônico, que acampa junto de suas muralhas. Contudo, resistem com a energia do desespero, conseguindo impedir durante quase dois anos a entrada dos inimigos na cidade. Uma vez que o abastecimento de Jerusalém era impossível, uma grande escassez atinge os sitiados, que morrem em grande número. Uma noite de Junho de 587 a.e.c., o rei Sedecias e seus fieis seguidores abrem uma brecha nas muralhas para fugir para a Transjordânia. Mas o rei é capturado perto de Jericó e é conduzido diante de Nabucodonosor. Na frente dele, seus filhos são degolados e o rei da Babilônia manda vazar-lhe os olhos. O último rei de Judá, amarrado com uma dupla corrente de bronze, é conduzido em seguida para Babilônia para ali morrer.

Nada mais impede então os babilônios de penetrar em Jerusalém, pilhar e massacrar. As muralhas são abatidas. Nebuzaradan manda deter imediatamente aqueles que exercem algum poder, os sacerdotes e os guardas do templo, o general das tropas reais e uns 60 oficiais que ainda estão na cidade. São levados até o quartel general de Nabucodonosor e mortos. Em seguida, Nebuzaradan põe fogo em todas as construções de Jerusalém, entre as quais o palácio real e as residências dos dignitários de Judá. Antes de incendiar o templo, os babilônios o saqueiam. Tomam tudo o que é de metal, as duas imensas colunas que emolduram a entrada do templo, as bases do mar de Bronze (a bacia de bronze que serve para purificação dos sacerdotes) e os recipientes de aspersão. Tudo é transportado para Babilônia. Nebuzaradan manda junto os utensílios de culto, confeccionados em ouro, caçarolas, taças, pás e pinças.

Uma grande parte da população de Jerusalém é massacrada; homens e mulheres, velhos e crianças. Alguns habitantes se refugiaram no átrio do templo para colocar-se sob a proteção de Javé. Não escapam à morte e seu sangue escorre sobre os pavimentos do santuário.

Os sobreviventes são conduzidos para Babilônia. Não são mais, como em 597, somente dignitários que são levados como prisioneiros de guerra, mas toda a população da capital. Nebuzaradan só deixa no reino de Judá alguns camponeses para cultivar campos e pomares. É a primeira vez em sua história que o povo de Israel conhece uma deportação geral. O exílio na Babilônia é vivido com um desastre sem precedentes.

“Ali, às margens dos rios da Babilônia, ficávamos sentados todos desolados, pensando em Sion... Seu eu te esquecer, Jerusalém que minha língua se cole em meu palato!”, canta o salmista, fazendo eco à dor de seus compatriotas. Israel perdeu tudo, seu solo foi invadido, suas instituições desapareceram e, acima de tudo, o templo, único santuário de todos os judeus e sinal de sua aliança com Deus, foi arrasado. O exílio torna-se tempo de reflexão sobre as razões do abandono de Javé. Grandes textos da bíblia judaica, redigidos em Babel, recordam as faltas de Israel que provocaram a cólera divina. Se os judeus cometeram ofensas a deus naqueles dias, jamais saberemos, entretanto, os crimes cometidos contra os palestinos expulsos de sua terra estão expostos para que todos vejam; onde está esse deus que puniu Judá naquela época e que se omite hoje em dia?

Babilônia na época de Nabucodonosor II

Desde o fim do século VII e depois da derrocada espetacular do Império assírio entre 614 e 610 a.e.c., sob os golpes dos medos e babilônios, Nabucodonosor II, primeiro como príncipe herdeiro e depois como rei em pleno exercício, conduz os exércitos da Babilônia em todo o Médio Oriente ocidental para recolher, em proveito próprio, a herança assíria. Para a maioria dos países do Oriente, avassalados ou anexados pelos assírios, a destruição do Império destes não acarretou o retorno à independência. Dois novos imperialismos aparecem, o do rei da Babilônia e outro, mais inesperado, do faraó Necau. Durante quarenta anos babilônios e egípcios se enfrentam para ter o domínio sobre o Oriente, confronto que se conclui em torno de 568 a.e.c. com a fixação de uma fronteira perto da cidade de Hazzatu, atual Gaza, o sul da Palestina.

Durante esse período, os pequenos Estados da Síria-Palestina devem fazer sua escolha entre Nabucodonosor II e o faraó do Egito. O reino de Judá cujo rei Josias foi vencido e morto pelo faraó, primeiro se perfilou sob sua susserania antes de ser obrigado por uma ação militar de Nabucodonosor II, que expulsa os egípcios da Síria-Palestina em 605, a

entrar como vassalo do rei da Babilônia. Talvez somente o anúncio, no fim do verão do mesmo ano, da morte de Nabopolassar, impediu Nabucodonosor II de penetrar no próprio Egito, cuja fronteira já havia alcançado. Ele retorna à Babilônia em vinte e três dias e se faz coroar no fim do mês de setembro.

Após a tomada de Jerusalém em 587 e depois de uma terceira medida de deportação, que atinge os habitantes do reino de Judá e quebra as últimas resistências em 582 a.e.c., culminando com a rendição da cidade de Tiro no final de um cerco de treze anos, os egípcios renunciam disputar com o rei da Babilônia a supremacia sobre a fachada mediterrânea do Oriente Próximo. Da planície da Cilícia anatólica, ao norte, às margens da península arábica, no sul, do mar Mediterrâneo, a oeste, aos montes Zagros, a leste, Nabucodonosor II, rei da Babilônia, reina sem partilha.

As três deportações maciças - atingindo homens, mulheres e crianças, jovens e velhos – sofridas pelo reino de Judá não são as únicas às quais procederam Nabucodonosor II e seus sucessores no século VI. Seguindo o modelo dos assírios, praticam essas deportações em todo o Oriente para dobrar ou para punir os povos que lhes resistem vigorosamente. Aqueles que sobrevivem a marchas de várias centenas de quilômetros na estepe, ao longo do Eufrates, são reimplantados, na maioria das vezes, às margens do canal Kebar, na Babilônia, em terras da Coroa, e são encarregados de fazê-las produzir. Como os deportados de Ascalon, de Tiro, de Gaza, como os soldados egípcios feitos cativos por Nabucodonosor II em 605 em Karkemish, no alto Eufrates, ou em Hamat sobre o Oronte, esses deportados são comandados por suas autoridades de origem, que servem de intermediários com os administradores babilônios. Toda essa população faz parte dos enormes lucros que o rei da Babilônia tira de seu domínio sobre os restos do Império assírio.

Uma das ambições prioritárias de Nabopolassar, fundador do novo Império, e de seu filho e sucessor, Nabucodonosor II, era restaurar na Babilônia as grandes infra-estruturas, as vias de comunicação, o sistema de defesa, a rede de irrigação, os grandes edifícios religiosos. Não faltam na área a argila para os tijolos, o betume e o junco, e as cidades fenícias fornecem como tributo a madeira de construção, o cedro em particular. O rei da Babilônia necessita, acima de tudo, de uma mão-de-obra abundante e de baixo custo. Os servos dos templos e do palácio são obrigados ao trabalho estafante, mas essa mão-de-obra, apesar de abundante, é, no entanto, insuficiente.

Estabelecendo os deportados nos domínios reais, nas aldeias criadas para eles e levando às vezes o nome de sua cidade de origem, o rei garante a tranqüilidade do território de origem, que fica desguarnecido de suas elites, e no caso do reino de Judá, de uma boa parte de sua população. O rei também estende o território agrícola babilônio fazendo a mão-de-obra deportada abrir canais de irrigação e cultivar terras. Esta participa nos grandes trabalhos de restauração ou de embelezamento da capital e das principais cidades do reino. O resto do tempo, ela trabalha nas vastas terras para o cultivo de cereais ou nos palmeirais do palácio e faz pastar os rebanhos de vários milhares de ovelhas nas terras não irrigadas da baixa Mesopotâmia.

O esplendor da Babilônia, no século VI a.e.c., é o resultado mais espetacular da política de Nabucodonosor. A maior parte dos despojos acumulados pelos reis da Babilônia na Assíria e no oeste do Médio Oriente foi dedicada à sua reestruturação e ao seu embelezamento. Nabopolassar e Nabucodonosor II fazem de sua capital o coração inexpugnável de seu Império, a cidade é protegida por dupla muralha de tijolo, precedida de um fosso repleto de água. Um muro externo suplementar protege o bairro oriental da cidade, situado na margem esquerda do Eufrates. A montante e a jusante de Babilônia,

dois muros, servindo de diques e com muitas dezenas de quilômetros de comprimento, estendem-se “no istmo” mesopotâmico entre o Tigre e o Eufrates, no local onde os dois rios estão mais próximos um do outro. Em tempos de paz, esses muros contribuem para proteger os arredores da Babilônia contra as inundações. Em caso de urgência, podem-se romper os diques e inundar voluntariamente a planície, tornando assim o acesso da capital absolutamente impossível.

Entra-se na Babilônia pela magnífica porta de Ishtar, nome da deusa do amor e da guerra, protetora da cidade. Inteiramente feita de tijolos pintados de azul e decorada com frisos de touros e com grifos, é ladeada por duas torres com ameias. Sete outras portas, menos espetaculares que a de Ishtar, se abrem nas fortificações.

Nabucodonosor II quer também que sua cidade seja o local onde seu prestígio e o do deus tutelar do país, Marduk, sejam postos em total evidência. Manda, portanto, aumentar consideravelmente a residência real principal, situada no norte da Babilônia, ao lado da porta de Ishtar. O palácio é disposto entre a muralha principal e seu próprio muro, o que o isola do resto da cidade. Em torno de cinco grandes pátios, inúmeros aposentos são destinados ao exercício do governo, à residência do rei e de sua família, às recepções oficiais, ao armazenamento das provisões e aos alojamentos do pessoal de serviço. Apesar das exaustivas pesquisas, os arqueólogos não encontraram vestígio dos famosos “jardins suspensos” e pensa-se que se trata antes de uma lenda sobre o esplendor dos palácios assírios, lenda que se teria difundido no decorrer dos séculos no Médio Oriente. Nabucodonosor manda restaurar o Esagil, templo no qual o deus Marduk reina no meio da assembléia dos deuses da Babilônia, da qual é o soberano, e a Etemenanki, torre de andares ou zigurate, que chega a mais de 90 metros de altura. No topo está a câmara sagrada, na qual se supõe que a forma astral do deus se encarna quando desce à Terra. Este zigurate, que serviu de modelo à torre bíblica de Babel, é visível de muito longe nessa região de planície quase absoluta e comprova o poder do rei dos deuses sobre o país entre o Tigre e o Eufrates. O esagil não é o único edifício sagrado da Babilônia, pois a cidade possui 53 templos e 600 capelas, a maioria dos quais foi restaurada por Nabucodonosor. Ao criar um sistema regular de oferendas alimentares e de dotações de terras feitas aos templos, o rei facilita a manutenção dos edifícios e do pessoal encarregado de velar pelo culto dos deuses.

Babel

Nabucodonosor, uma vez organizado o seu império, impôs uma política econômica que designava verbas equitativas entre “Defesa” e “Obras Públicas”. De resto, deu liberdade total aos comerciantes e à iniciativa privada. A Babilônia, dotada de um exército pronto para qualquer emergência, refloresceu com os antigos esplendores e retomou com autoridade seu papel de principal centro comercial da Ásia Anterior.

A Babel de Nabucodonosor, à qual dedicou todo cuidado, é a única que conhecemos, ou, melhor dizendo, de que pudemos levantar a planta a partir dos poucos remanescentes, identificando a localização de seus principais edifícios e praças. Para sabermos mais, precisamos confiar nas descrições dos “turistas” que a viram ainda de pé, entre os quais naturalmente Heródoto, que fala: “Babel é uma cidade construída da seguinte maneira: estende-se por uma grande planície, e tem a forma quadrada com os lados de 120 estádios (cerca de 21 km) de modo que o perímetro é de 480 estádios.

É construída com regularidade, como nenhuma outra que eu conheça. É circundada por um fosso largo e profundo, cheio de água. Depois, tem uma muralha de 50 cúbitos de espessura (26m) e 200 de altura.

(...) Na parte superior da muralha encontram-se algumas casamatas; uma de frente para a outra. No meio, há espaço para a passagem de um carro com quatro cavalos. Ao longo da faixa murada abrem-se 100 portas, todas de bronze, tanto as ombreiras como as arquitraves (...) A cidade está dividida em duas partes, separadas pelo Eufrates (...) e reunidas por uma ponte (...). Está cheia de casas de três ou quatro planos e as ruas são todas retas, sejam as paralelas, sejam as perpendiculares. Correspondendo a cada rua que leva ao rio, abre-se uma pequena porta na muralha que margeia o Eufrates; estas portas também são todas de bronze.

A faixa de muralha de que se falou constitui uma couraça para a cidade. À sua volta corre uma outra muralha, igualmente poderosa, mas um pouco mais estreita”. Heródoto, como de costume, se apaixona por tudo quanto vê e conta de modo a impressionar o leitor, agigantando as dimensões do que o impressionou; neste caso, o comprimento e a altura dos muros.

Igualmente espetacular, mas mais pobre em dados, é o testemunho do construtor desta enorme cidade: “Para desencorajar qualquer ataque a Imgur Bel (...) eu, Nabu-cudurru-usur, fiz o que ninguém tinha efetuado antes de mim, pois que desejei que a parte oriental da cidade fosse cercada por uma outra forte muralha a 4000 braças (ou 2,4km) de distância; escavei o fosso, reforcei a encosta com tijolos cozidos e betume, conduzi a grande altura o muro sobre a orla externa e coloquei amplas portas e batentes de cedro com ornamentos de bronze”.

E, em outra inscrição: “Para humilhar a face do inimigo que ousasse atacar a tripla muralha de Babel, circundei o país com poderosas correntes, semelhantes às ondas do mar. Atravessá-las como querer vadear as ondas do mar. E para tornar impossível uma inundação, escavei lagoas artificiais e dotei-as de diques de terracota”.

Vejamos agora o que mostra as escavações: O “plano-mestre” imposto por Assarhaddon para a reconstrução de Babel não modificava provavelmente a planta da cidade destruída, situada sobre a margem oriental do Eufrates, atravessada por dois canais (o Arakhtu e o Libel Khégalla) e circundada por uma dupla faixa de muralhas. A externa, a Imgur Bel (“Bel foi benigno”), tinha uma espessura de 6 metros e meio; a cada 18 metros surgia uma torre munida de um quartel. A interna, Nimitti Bel (“Fundação de Bel”), era, como disse Heródoto, um pouco mais estreita: cerca de 4 metros. Entre uma e outra existia um fosso de 7,5m.

As grandes portas, duplas enquanto atravessavam o par de muralhas, eram oito, cada uma dedicada aos grandes deuses locais: Ishtar, Sin, Marduk, Zababa, Enlil, Urach, Shamash e Adad.

Esse poderoso sistema defensivo, que constituía um retângulo de 2,55km X 1,5 km, foi ainda mais reforçado por Nabopolassar e Nabucodonosor.

Mas este previa que mais cedo ou mais tarde os antigos aliados medos ou persas, que neste meio tempo já tinham penetrado num aparte do Elam, como todos, desejariam atingir a fértil Babilônia. E “para humilhar a face do inimigo”, a dois ou três quilômetros acima do Imgur Bel erigiu um novo tríplice bastião ao longo de uma vintena de

quilômetros quem englobava as áreas edificáveis e os campos da periferia, dentro do qual poderiam encontrar abrigo os cidadãos de toda a vizinhança. “Eu, Nabucodurru-usur, fortifiquei Babel como uma montanha”; este novo baluarte, munido de um largo fosso cheio de água, devia ter cerca de 30 m de altura. Como se não bastasse, e para evitar surpresas no oriente, ao lado do Tigre construiu uma espécie de “Linha Maginot” com uma centena de quilômetros de comprimento, chamada corriqueiramente de “Muralha dos Medos”.

Babel estava dividida em duas partes: a Babel velha, fechada pelo triplicado sistema de muros, e a nova, à esquerda do rio, construída quase toda com o Boom daquele período. Na cidade velha, as ruas principais eram 24, dedicadas cada uma a um deus ou deusa. Ao longo de tais ruas surgiam estátuas ou capelas; só para Ishtar, 180, e as demais repartidas entre Negal e Adad. As capelas eram 900, disseminadas em honra dos deuses menores, os Iguigui e Annunaqui; aos deuses maiores eram dedicados pelo menos 53 templos.

A ponte que unia as duas cidades era de tijolos com reforços de travessas de madeira. Apoiava-se sobre pilares alongados no sentido da correnteza, de 21 m de comprimento e 9 de largura.

O imenso paço compreendia o velho palácio real de Nabopolassar e o novo, de Nabucodonosor. O monumental complexo cobria uma área de mais de 100000 metros quadrados com cinco pátios do tamanho de campos de futebol. A sala do trono, toda atapetada com tijolos esmaltados amarelos e azuis (agora no Museu de Berlim), mediu 50x15m. No “castelo” encontravam-se um museu, com livre acesso para o público, onde estavam expostos o Tesouro da Coroa e os achados arqueológicos. Três quilômetros mais ao norte, fora das muralhas velhas mas protegido também pelas novas, o palácio de verão, a grande vila real de Nabucodonosor, de que nada restou senão o nome de Babil dado ao montículo que sepultou suas ruínas.

Os Jardins suspensos

Grandes terraços elevados, ricos em frondosas árvores exóticas, para cuja irrigação artificial havia engenhosas bombas sempre em movimento para levar para cima a água do Eufrates. Assim Diodoro Sículo e Estrabão descrevem os famosos jardins suspensos ou “Jardins de Semíramis” (que nada tem a ver com eles), com justiça considerados a sétima, e última, “maravilha do mundo”, empatados com as muralhas de Babel, o mais desmesurado sistema defensivo da antiguidade.

Destes jardins, obra também de Nabucodonosor, restaram alguns traços: quatorze quartos sustentam um grande terraço no ângulo norte do palácio, perto da Porta de Ishtar, provavelmente ornada com aquelas árvores preciosas que tornavam esses lugares encantadores e sumamente agradáveis.

Obviamente hoje, com os nossos cimentos armados, bombas motorizadas e progressos científicos, tudo isto nada tem de excepcional, mas, sem dúvida, na época, aparecia como maravilhoso.

A torre de Babel

“No centro do recinto sagrado está construída uma torre maciça, com a base do comprimento de um estádio (177m) e larga outro tanto. Sobre esta torre se sobrepõe uma

outra, e uma outra ainda sobre a segunda, e assim por diante, até 8 torres. A via de acesso a estas torres é construída externamente, em espiral.

A meio caminho há um local para descanso, com alguns assentos, onde podem retomar o fôlego aqueles que estão subindo.

Na última torre há um grande templo, dentro do qual se encontra um amplo leito adornado de belos tecidos e, ao lado, uma mesa de ouro (...). Nenhum ser humano passa a noite ali, só uma mulher, escolhida dentre todas pelo deus, é o que asseveram os caldeus, que são os sacerdotes daquele deus. Os mesmos sacerdotes dizem, mas eu pouco o creio, que naquele leito se instala o deus em pessoa. Faz parte do santuário também um outro templo mais ao sul, onde se encontra uma grande estátua de Zeus (Marduk) e, junto a ela, uma ampla mesa de ouro. Tanto o pedestal quanto o trono são de ouro. O todo, segundo afirmações dos caldeus, é feito com 800 talentos de ouro (24 toneladas). (...) Neste recinto sagrado há também uma estátua de 12 cúbitos de altura (5,20m) de ouro maciço. Pessoalmente não a vi, e refiro apenas o que os caldeus me contaram”. Esta descrição que Heródoto faz do Entemenanqui, isto é, do “Templo do Alicerce do Céu e da Terra”, é substancialmente exata, salvo nas medidas, onde, como de hábito, exagera.

Na realidade, a primeira parte consistia de uma base quadrada de 90 m de lado sobre a qual se erigiam 5 planos, de base quadrada e cujas medidas eram, respectivamente 90x33m; 78x18m; 60x6m; 51x6m; 42x6m.

Este complexo, com uma altura total de 69m, era o zigurate propriamente dito, sobre cuja última plataforma se erguia o templo, em dois andares, de 33x11m e 24x21x10m, revestido de tijolos esmaltados azuis. O todo atingia 90m de altura, ou seja, igual à largura da base.

Do lado sul, uma longa escadaria subia até o templo, enquanto os andares eram interligados mediante escadas independentes, externas.

Quem primeiro lançou os alicerces deste monumento tão grande foi Assarhaddon (depois da destruição de Sennaquerib); a seguir, devido aos contratemplos, a construção foi suspensa. Nabopolassar retomou a ruíntica obra e Nabucodonosor II, afinal, a concluiu. Estas marchas e contratemplos, que evidentemente se repetiram no passado, sugeriram o famoso episódio de que fala o Gênesis, XI: “Ora, a terra tinha uma só língua e um mesmo modo de falar. Mas (os homens), tendo partido do oriente, encontraram uma planície na terra de Senaar, e habitaram nela. E disseram uns para os outros: Vinde, façamos tijolos e cozamo-los no fogo. E serviram-se de tijolos em vez de pedras, e de betume em vez de cal traçada; e disseram: Vinde, façamos pra nós uma cidade e uma torre, cujo cimo chegue até o céu; e tornemos célebre o nosso nome, antes que nos espalhemos por toda a terra”. O Senhor, porém, desceu a ver a cidade e a torre, que os filhos de Adão edificavam, e disse: Eis que são um só povo e têm todos a mesma língua; e começaram a fazer esta obra, e não desistirão de seu intento até que a tenham de todo executado. Vinde, pois, desçamos e confundamos de tal sorte a sua linguagem que um não compreenda a voz do outro. E assim o Senhor os dispersou daquele lugar por todos os países da terra, e cessaram de edificar a cidade. E por isso lhe foi posto o nome de Babel, porque aí foi confundida a linguagem de toda a terra, e daí os espalhou o Senhor por todas as regiões.

A bíblia judaico-cristã não esclarece muito sobre esta famosa torre, salvo para dizer que era construída de tijolos cozidos e, portanto, eternos. Quanto a Babel, repete que sempre foi cidade cosmopolita, em que se falavam todas as línguas.

A torre não foi destruída pelo tempo, mas demolida pelos homens. Seus tijolos serviram durante séculos aos indígenas para construir suas casas. E muitos destes, levando o selo de Nabucodonosor, foram encontrados aqui e ali por arqueólogos que escavaram as ruínas de Hillah.

O Esagila

Na segunda parte de seu relato, Heródoto dá uma idéia muito aproximada do que era chamado, com um termo sumério, de “Esaguila”, ou “O Templo Que Ergue ao Alto a Cabeça”, dedicado também a Marduk e à sua família: “O santuário das êneas portas de Zeus Belo (Marduk), que existia ainda no meu tempo, tinha uma forma quadrada de 2 estádios de lado (354m)”.

Também neste caso as medidas de Heródoto são cerca do dobro das originais. Em torno do grande recinto de Etemenanqui corria a Via Sagrada, de 22m de largura. Sobre esta se desenrolava a grande procissão da festa do deus que, partindo do Portão de Ishtar, atravessava a ponta e chegava ao templo Bit-Aqitu situado na outra Marge do Eufrates. Era flanqueada por duas muralhas de espessura de 7m, sobre as quais pelo menos sessenta leões por lado, em tijolos esmaltados em relevo, mantinham à distância inimigos e espíritos malignos. O portão de Ishtar, de 12 metros de altura, foi reconstituído no Museu de Berlim.

Esta era, pois, a Babel de Nabucodonosor, o “Umbigo do Mundo”. Não obstante as aparências, não se deve crer que fosse apenas centro religioso. Era sobretudo um grande entreposto comercial onde, mais que andar em procissões, se pensava em fazer dinheiro e divertir-se, mesmo que as imensas obras impostas pelo rei exigiam o suor de todos os cidadãos além dos escravos que, contrariamente a tudo o que se imagina, não eram tão numerosos.

Portanto, uma metrópole agradável e cheia de vida, riquíssima, e com uma acentuada tendência ao luxo.

Nabucodonosor reinou aí por 44 anos, com grande magnificência, mas, quando necessário, com pulso firme. Era o homem mais poderoso do mundo e o seu prestígio era tal que permitia-lhe erigir-se em árbitro das controvérsias internacionais, como hoje o Conselho de Segurança da ONU.

De resto, seu domínio da situação transparece também em suas relações com Ciaxares e em particular por um episódio narrado por Heródoto: como já Nabopolassar, também Nabucodonosor deixou completa liberdade de ação a Ciaxares na parte do mundo que lhe coube por direito. Ciaxares, por sua vez, respeitou o velho pacto de partição, mas como isto não lhe impedia expandir-se à vontade, conseguiu organizar para si um império subjugando toda a Média, onde fundou a sua nova capital, Hagmatana, chamada pelos gregos Ecbátana e, hoje, Hamadan.

Chegou assim a um tal poder que mesmo Nabucodonosor julgou oportuno não subestimá-lo e aparentar-se com ele por meio de um casamento de Estado. Pois bem, quando um corpo de mercenários citas já a serviço de Ciaxares, insatisfeito com o tratamento recebido, passou, cem armas e bagagens, a serviço de Aliate, rei da

Lídia, descendente de Guigues, Ciaxares pediu peremptoriamente a extradição dos desertores. Aliate negou-a, dando início a uma guerra que durou cinco anos. Perto de 855 a.e.c., sobre o rio Halis, ocorreu sangrenta batalha, assim narrada por Heródoto: “Enquanto fervia o embate, de improviso o dia se transformou em noite. Este eclipse do Sol fora previsto por Tales de Mileto que fixara mesmo a época do ano em que o fenômeno se verificou. Mas os lídios e os médios, quando viram a noite invadir o dia, pararam de combater, pedindo a altas vozes, uns e outros, que se estipulasse a paz. Os que impuseram um acordo foram Sienezis, rei da Cilícia, e Labineto (Nabucodonosor), rei da Babilônia. Estes se esforçaram até que se firmasse um acordo jurado, sancionado por uma troca de matrimônios: decidiram que Aliate desse a filha a Astíages, filho de Ciaxares, porque, sem vínculos válidos de parentesco, os acordos não costumam ser seguros nem duráveis”.

Deste episódio não se faz menção nas inscrições de Nabucodonosor, que, como se disse, não se gaba de feitos prestigiosos, mas dos templos por ele devotamente erguidos, como em particular aquele de Nabu-Esi-da em Borsipa (Birs Nimrud), onde ainda hoje se podem admirar os imponentes restos de seu zigurate.

Só em poucos casos o grande rei declara e afirma seu prestígio, mas não tanto para se exaltar, como a seu deus: “Sob poderosa proteção de Marduk, percorri longínquos países, remotas montanhas do Mar Superior ao Mar Inferior por longas estradas, por sendeiros impérvios onde o pé mal alcançava entre obstáculos insuperáveis e desertos sem água. Submeti os rebeldes, fiz prisioneiros aos inimigos, restabeleci a ordem, arrastei escravos bons e maus e depusitei em Babel, na presença de Marduk, prata, ouro, pedras preciosas, sobre, árvores odoríferas, e o quanto produzem a terra e o mar, como rico dom a ele devido”.

Fonte:

http://www.babilonia.templodeapolo.net/ver_reis.asp?Cod_rei=18&Video=Nabucodonosor%20II&Imagens=Nabucodonosor%20II&topo

Enviando pelo: Irmão Wagner Veneziani